



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

A favor de Israel

Por Pilar Rahola

Quando Hermann Broch, em plena loucura sanguinária hitleriana, lançou sua terrível afirmação - “o pior crime da Europa é a indiferença” - , construiu algo mais que uma frase histórica. De fato, tentava lançar uma flecha no coração mesmo da consciência europeia, obrigava-a a olhar-se no espelho e encontrar-se consigo mesma. O resultado dessa olhada interior, de haver-se produzido, teria tido os mesmos efeitos que o retrato de Dorian Gray: a monstruosidade não só não era alheia da consciência europeia, como nascia dela mesma. Europa era indiferente a superfície por que era culpada na profundidade, nesse abismo interior onde havia mimado e alimentado durante séculos o ovo da serpente. A judeofobia não era uma contingência histórica, avaliada em tempo e espaço, mas sim uma cultura de fundo que explicava toda a história da Europa. De alguma maneira, o ódio aos judeus havia sido fundado na Europa: era seu mais proeminente fundados. Por isso Broch se esquivou em seu grito desesperado: Europa não era indiferente, Europa era o problema. E por isso mesmo nunca fez uma introspecção séria, historicamente tão hábil no manejo da minimização da própria culpa. Hitler ? Hitler não foi mais que o último elo de um progressivo processo de destruição da alma judia que constituía a alma europeia, processo de destruição que, por sua vez, era necessariamente um processo autodestrutivo. Como disse Benjamin Netanyahu seriamente magoado , em uma de suas últimas visitas oficiais aos EEUU representando Israel. “Os europeus já nos quiseram exterminar uma vez no passado”. Quer dizer, foi a Europa quem quis exterminar os judeus – e de fato conseguiu exterminar muitas das peles de sua resistente pele - , e volta a ser Europa quem, em certo sentido, advoga por seu extermínio. Está ele certo? Estou desgraçadamente convencida disso, e é essa convicção a que me leva a escrever estas linhas. A convicção de formar parte de um corpo europeu que cometeu o pior crime da humanidade, o extermínio industrializado de toda uma cultura, e que, apesar disso, não se vacinou contra seu próprio ódio. Europa se livrou dos judeus, mas não se livrou da judeofobia. Isso explica seu histerismo acrítico pró-palestino, sua esquerda ferozmente antijudia, sua macabra banalização da Shoá – essa “morte da alma humana” que Lanzmann converteu em um corpo a corpo consigo mesmo-, seus pseudo-intelectuais tão amantes da liberdade que foram amando intelectualmente a todos os ditadores da história. Mao-Tse-Tung, Stalin, Pol Pot, agora Arafat. Isto explica essa nova construção ideológica do anti-semitismo, versada como antisionismo – e que Bernard Henry Levi considera a mais pura das versões modernas do racismo, apesar de sua formação ter sido um clássico do pensamento soviético. - , e explica também a fascinação que chega a produzir, em determinada intelectualidade europeia, qualquer fascismo que incorpore o antiamericanismo entre suas fobias totalitárias. Saramago seria o exemplo mais notável do que em 1884 August Bebel tipificou como “o socialismo dos



imbecis”. E é que alguém pode escrever como os anjos e pensar como os idiotas.

Europa é Kafka. E Heine (visto como demasiado judeu na Europa e demasiado “europeu” entre o judeu), e Freud, e Marx e até Einstein. Sem dúvida, igual ao próprio Kafka, não só não conhece sua identidade como a nega e a destrói, tão exilada de si mesma que fez do auto ódio uma forma de reafirmação. Sua relação com o judeu, próprio e estranho as vezes, tem sido sempre a crônica de um harakiri planejado, ao ponto de chegar a um “sem sentido” histórico: Europa não se explica sem o judeu e, ao mesmo tempo, sempre se explicou contra o judeu. Isto é, contra si mesma. Sua consciência se forma através das diferentes formas que a judeofobia inventa, e daí nasce tudo. Igual ao seu antiamericanismo patológico, tão desleal com os milhões de jovens americanos que perderam a vida libertando-a de suas mais profundas misérias, seu anti-semitismo também é patológico. Finalmente, depois de mais de mil anos de tentar, conseguiu destruir sua alma judia. Ao fazê-lo, envelheceu a tal ponto que, em certo sentido, morreu. Porisso, o que fica da Europa depois do holocausto se parece tanto ao espantalho valleinclanesco¹: o esplêndido herói épico refletido no espelho côncavo. Distorcido. Embrutecido. Desprovido de toda grandeza.

Escrevo a favor de Israel, primeiro por que sou europeia, e não esqueço a responsabilidade direta da Europa em tudo o que acontece no mundo judeu.

Da Europa é a responsabilidade da criação de Israel. É a Europa quem cria a consciência, a necessidade de estado como última esperança para a sobrevivência. É a Europa quem escreve em 1896 o “Der Judenstaat”, da mão de Theodor Irou; É a Europa quem envia, em 1906, a Yafo, um jovem proveniente da Polônia russa, o místico David Grin, mais tarde hebraizado como Bem Gorem. Filhos dos pogroms, a diáspora e a destruição sistemática de seu povo, é a Europa quem envia milhares de jovens a essa “terra sem povo, para dotá-la de um povo sem terra”. Jovens que primeiro quiseram ser franceses, alemães, polacos, russos, espanhóis, mas que foram obrigados a ser somente judeus; é a Europa quem cria a nação judia, pois, convertendo a sua gente em um único povo do mundo destinado ao extermínio total; é a Europa quem constrói a estação final de Auschwitz; é a Europa quem converte a criação de Israel na solução extrema. Pode a Europa auto-outogar-se um papel moral no conflito do Oriente Próximo sem partir de sua radical, monstruosa, gigantesca imoralidade histórica? Talvez essa é a chave para entender a atitude de seu pensamento oficial: com seu apoio maniqueísta e acrítico ao vitimário palestino, a Europa se exorciza de sua própria culpa, a nega até fazê-la desaparecer. Já não se trata de ser indiferente, como recriminava Broch. Agora se trata de ser dedo acusador, linda maneira de deixar de ser culpado.

A banalização da Shoá forma parte deste mesmo processo de extermínio. E aqui deve ser de uma clareza meridiana: o uso perverso da memória do holocausto como postura no conflito do Oriente Próximo, é uma degradação

¹ Refere-se ao um personagem do escritor espanhol Ramon Del Valle Inclan.



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

radical da moralidade, e, sem dúvida, é a ponta de lança de um pensamento profundamente reacionário. O paradoxo de que o dito pensamento se integrou, sobretudo, entre intelectuais progressistas, líderes de esquerdas e movimentos defensores dos direitos humanos, não resulta surpreendente. Finalmente, este paradoxo define historicamente uma esquerda “tão verdadeira”, que amiúde foi o braço executor dos postulados mais retrógrados. Bem assentados estes movimentos no que Glucksmann chama “os agulheiros negros” de nossa memória coletiva – Vichy, a guerra da Argélia, o Gulag soviético, as próprias perseguições contra os judeus -, reescrevem até ao ponto a história que tendem a negar. E só desde essa negação desde uma negação estremecedora da consciência europeia, se pode usar o holocausto como arma lançadora contra Israel. Já não se trata só de militar na Hasbara, de amar o princípio de informação por cima da propaganda, de querer ser cronistas da verdade e não do ódio. Se trata, sobretudo, de respeitar as vítimas do crime industrializado. Por que deverá ser dito aos Saramagos do mundo que banalizar as vítimas da Shoá é uma forma de voltar a matá-las. Como disse alguém, o rigor histórico não só é uma obrigação científica, ante o holocausto é uma exigência moral.

Certamente, e com permissão de Joan Culla que utilizou esse argumento em um artigo: se as 52 vítimas palestinas de Jenin (contabilizadas por uma ONG também insuspeita como Human Rights Wath), mais as 23 vitimas israelenses – ou não contam? – são equiparáveis ao Holocausto, ao que são equiparadas ao quase um milhão de pessoas que morreram vítimas do processo sangrento de islamização do Sudão, ou as 20.000 vítimas do esmagamento da indignação da cidade síria de Hama por parte de Hafed el Assad; ou as 100.000 que tem em seu macabro crédito o terrorismo islâmico argelino? E, a que seria equiparável a sistemática destruição de povoados cristãos libaneses pelas mãos de facções palestinas? A que seria equiparável a matança de palestinos que perpetrou, no seu particular setembro negro, o bom amigo Hussein da Jordânia?

Sem dúvida, tudo isso não conta para uma esquerda que, dados na mão, não se indigna pelas vítimas muçulmanas, com sua mística auréola de terceiro mundismo que tanto agrada a esses velhos personagens progressistas, mas exclusivamente por aquelas vítimas muçulmanas que caíram sob balas israelís, no calor de um conflito que é uma guerra. Isto é, a mesma esquerda que não recorda que foram os comunistas os que mais comunistas mataram da história, tampouco tem interesse em saber que ninguém matou mais palestinos que os próprios árabes. Para que perder-se em números, se o que move a indignação, o protesto organizado, o escândalo imediato e a reclamação ante a sempre atenta e amiga ONU – que chegou a ter como presidente esse bonito nazista chamado Kurt Waldheim -, é exclusivamente a culpa judia? Daí nasce a imoralidade de um Saramago, daí nascem esses reacionários de esquerdas, tão preocupados pelos direitos humanos, que chegam a considerar uma tragédia a caída do muro de Berlim. A esquerda implicada no totalitarismo estalinista, e que sem dúvida só se recorda das culpas do fascismo; a mesma fascinada por um terceiro mundismo folclórico que chega a minimizar e até



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

compreender o totalitarismo intreguista; a mesma que odeia a América por que em realidade odeia, não seus erros, mas sim os valores que representa; a mesma que odeia Israel, por que Israel é a encarnação mais resistente e genuína do racionalismo. E afirmar isto entre notícias militares, atentados e ocupações, poderia parecer uma impertinente ousadia. Sem dúvida, só um estado arraigado de valores racionais, poderia agüentar mais de 50 anos de tentativas sistemáticas de destruição. Finalmente, a mesma esquerda que encontrou na ocupação da Cisjordânia e Gaza a desculpa perfeita para canalizar seu anti-semitismo. Certamente não esqueceu um aspecto básico: a ignorância. O Oriente Próximo é o mais elaborado em todos os cenários que se prezam. Mas é o mais mal conhecido. A superposição de mentiras chegou a ser tão notável, persistente e minuciosa que conseguiu confirmar uma verdade paralela. Uma realidade paralela.

Escrevo, pois, a favor de Israel, por que me repugna o uso perverso do holocausto, a pornográfica frivolidade com que se joga com a memória da pior tragédia da humanidade. E por que, se eu sou Kafka, e Heine, e Freud, também sou cada uma das vítimas que morreram na solução final. Ser europeu implica uma dualidade terrível e inevitável: ou se está no lado das vítimas; ou se está no dos verdugos. Não pode existir a indiferença que Broch mentava: ninguém, que não seja vítima, resulta ser inocente.

Da negação do holocausto pende, qual filho natural do mesmo processo de distorção, a negação da violência palestina. Assim, enquanto as vítimas israelis não existem, convertidas em pura contingência inevitável, as palestinas são revestidas de uma aureola épica que as engrandece além do sofrimento. Como se fossem a crônica de um martírio, nesta nova religião que é, para alguns, a causa palestina. Por eles não existe a pequena Lea Schijverschunder, de 9 anos, que ficou gravemente ferida e perdeu 5 membros de sua família. Um homem bomba. Não existem Galila Bugal, de 11, nem Shani Avi-Tzedek, de 15, dois das dezenas de vítimas mortas em um dos ônibus repletos de civis que homens bomba fizeram estourar. Não existem as dezenas de vítimas infantis do Bar Mitzvá que um homem bomba decidiu celebrar a sua maneira. Nem as 23 pessoas mortas na celebração de Pessach, nem a mulher grávida de 8 meses que um homem, cara a cara, metralhou, no mesmo ato assassino no qual mataram, entre outros, um bebe de meses. Nem sequer existem os deslocados e os refugiados judeus - conceito que reconhece nem a ACNUR -, apesar de que quase 800.000 judeus tiveram que sair dos países árabes, mais de 95% em muitos casos. Não existem as vítimas judias por que são judias e, por isso, são responsáveis por sua própria morte, fatal destino que quem nasceu no povo eleito, para extermínio. No maniqueísmo oficial que milita a gramática jornalística européia, as vítimas só podem ser palestinas. E os assassinos, só judeus. Qualquer dado que torça esta dualidade perfeitamente travada, simplesmente é ignorado.

E assim criamos uma nova linguagem para uma nova época, desprovidos como estamos das épocas antigas. Aos assassinos fanáticos palestinos, lhes chamamos milicianos, bonito conceito de velhas ressonâncias românticas. Não



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

são, pois, loucos cheios de ódio na alma e de metralhadora no estômago, mas sim resistentes. As bombas indiscriminadas, projetadas para matar a vítimas civis, cozidas na cozinha do ódio totalizado, lhes chamamos ações de luta. Ao próprio ódio planejado da mesmíssima autoridade palestina, perfeitamente estruturado como um pensamento coletivo, ódio nas escolas, nas festas, nas canções, na vida, esse ódio antigo que levou Golda Meir a pronunciar uma frase histórica, “chagará a paz quando os palestinos amarem seus filhos mais do que odeiam os judeus”, esse ódio não é ódio, mas sim simples e razoável ressentimento.

Tampouco não existe um Arafat violento e totalitário, apesar de sua biografia terrorista ser tão ampla como as centenas de mortos que adornam seu caminho. Esse líder cego que foi destruindo todas as possibilidades de paz, que enganou a cada um dos líderes israelis com quem tratou e que, sobretudo, dinamitou a grande esperança branca dos acordos de Oslo; esse homem tão abraçado a causa palestina como alérgico a um estado palestino – matiz farto significativo, já que estado significa logística, contradições, talvez liberdades; esse personagem que nunca quis um pacto com Israel, mas sim extermínio de Israel, e que mereceu o desprezo de um Clinton convencido de ter sido traído, como também o foi toda a esquerda israeli; esse líder da violência, responsável direto da onda de atentados do momento atual – e de tantos outros – e cujo amor a vida dos seus é bem mais escassa: “poderemos sobreviver a Sharon, mas, sobreviveremos a Arafat?”, enfatizava não faz muito tempo um palestino; esse homem que acumula tantas mortes civis como erros históricos, tanto totalitarismo violento como corrupção, e cujo único ecossistema é a guerra, esse homem não existe. Para a Europa da nova moral frente ao judeu, só existe o pobre e velho resistente, última ocasião para nos apaixonarmos novamente por um ditador. Não é uma estrategista, é um terrorista. Mas decidimos que é nosso terrorista, como quando os piratas de alguém, não eram piratas mas sim corsários. Como quando Kissinger disse aquilo de Pinochet: “é um filho da puta, mas é nosso filho da puta”.

E isso é o que os meios de comunicação europeus, os mesmos que editorializam escandalizados com Belém ou Jenin ou Gaza, poderiam ter feito um festim com as violações palestinas dos acordos de Oslo. E é isso que as denúncias, contra Arafat, por corrupção com as ajudas européias, foram publicadas inclusive no Kuwait. E é isso que, postos a pedir júzios por crimes contra a humanidade, Arafat leva algumas maletas sangrentas nas costas. Não seria o extermínio de 30.000 cristãos libaneses, uns 10.000 nas mãos das milícias de Arafat, um titular bem bonito? E isso que publicar o sermão de muitos imãs, apelando a obrigação ao martírio, daria muito jogo, com seu sistema metódico de impingir valores fatalistas. E é isso que os milhões de petrodólares dedicados ao terrorismo palestino, e não para as escolas, aos hospitais, as infra-estruturas, seria lindo de analisar. E é isso que quando Gaza e Cisjordânia estiveram durante anos nas mãos árabes, ninguém sugeriu lá um estado palestino, bonito tema de debate. E é isso. Mas no jornalismo que decide que a ocupação da basílica de Belém por parte de 150 terroristas, armados até os dentes, que chegaram a colocar até 40 bombas nas paredes



הסוכנות היהודית לארץ ישראל

Agência Judaica

www.agenciajudaica.com.br

da basílica, não é uma ocupação terrorista, mas sim o assédio do exército israeli contra um lugar sagrado, nesse jornalismo, que interesse tem a informação, o rigor, a veracidade, a neutralidade? Sobretudo a neutralidade, havendo optado todos por uma cômoda e catártica “neutralidade pró palestina”

N última perversão desta consciente ou inconsciente distorção da realidade, não existe uma nova forma de fascismo, ou integrismo islâmico. Existe só uma luta com causa. Que o Mein Kampf de Hitler ou os repugnantes “Protocolos dos Sábios de Sion” , nascidos sob a pena dos serviços secretos czaristas, sejam best-sellers no mundo árabe, deve ser um sintoma da lógica civilizada das coisas. Também deve ser lógico que alguns grupos nazis europeus tenham celebrado a caída das Torres Gêmeas e tenham Bin Laden como um novo Furher: tudo se encaixa. Tudo menos o fato de que a Europa está voltando a cair em seus mesmos erros – “nos volta a trair” se ouve nas ruas de Israel -, incapaz de digerir os judeus, inclusive quando já não habitam entre os seus. Como era aquilo? “Primeiro nos disseram ‘não podeis viver entre nós como judeus’”. Depois, ‘não podeis viver entre nós’.

Finalmente, ‘não podeis viver’. Não podeis viver nem em Israel, o estado que a própria Europa criou. Porisso Israel tem que pedir perdão por seus atos, inclusive quando tem razão. E nunca, nunca, pode enganar-se.

Como nunca pode perder. Porque por trás de uma derrota árabe chega outra guerra, e outra, e outra. Mas a primeira derrota de Israel significaria seu desaparecimento absoluto. “Se alguém diz que quer destruir-te, acredita” , disse Menachem Begin, e dez anos depois de sua morte, a afirmação não pode ser mais válida. Inclusive entre os setores mais dogmáticos do pensamento europeu, há uma evidência que resulta irrefutável: no pensamento coletivo israeli, palpita a irreversibilidade de um estado Palestino, mais tarde ou mais cedo. Sua exigência não é o território, é a paz. Pensemos, por exemplo, no retorno de todo o Sinai ao Egito, quando a paz com este país foi um êxito. “É só deserto”, me dizia um desses ignorantes ilustrados que correm por aí. Nem sabia nem tinha interesse em saber que o Sinai certamente, era deserto quando foi ocupado por Israel, mas foi devolvido com povoados urbanizados, hospitais, escolas e petróleo! Petróleo que os árabes nem sabiam que tinham, e tinham em conta que Israel não tem petróleo. Por certo, foi Sharon em pessoa quem obrigou o retorno dos colonos judeus que haviam se assentado no Sinai. A obsessão de Israel é a segurança e, em consequência, a paz. Porisso, as sucessivas derrotas árabes nas guerras contra Israel têm um preço: o preço da segurança de Israel. No pensamento coletivo israeli, pois, e mais adiante de alguns radicais perfeitamente minorizados na sociedade, não existe a negação do direito palestino. Israel quer viver seguro como estado e é a partir da segurança que se relaciona com o ambiente, um ambiente até agora totalmente agressivo. No pensamento coletivo palestino, ao contrário, o que palpita é a vontade de fazer desaparecer Israel e praticamente ninguém aceita a existência dos dois estados. “Depois de 32 anos, onde está o Movimento Paz Agora” palestino?”, se perguntava com cansaço Mario Wainstein, co-fundador do Movimento Shalom Achshav e ativo



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

militante pelo diálogo palestino-israelí. “Onde, os intelectuais palestinos que nos dão os pêsames por nossas vítimas de atentados, como os vinte proeminentes israelenses que foram dar os pêsames nas casa de vítimas palestinas?” .

Sem raízes ancestrais, perdida no grande magma da identidade árabe- o próprio mito irreal do povo palestino, se inverteu como desculpa para a ocupação árabe – a identidade palestina não só é muito recente, mas sim que sobretudo se criou em função do ódio a Israel. Quer dizer, da mesma forma que a Europa se explica, por sua vez, por seu componente ante-judaico e por seu componente judaico, ambos estreitamente relacionados que constituem as duas caras da mesma identidade, também o palestino se explica, quase exclusivamente, por seu componente antijudaico. Porisso é tão difícil acabar com a violência extremista palestina. Não só pela irresponsabilidade de líderes violentistas como Arafat, ou pela direta relação do petrodólar com o integrismo. Também por um fato mais sutil, talvez menos tangível: se os palestinos renunciam ao ódio aos judeus, perdem uma parte substancial de sua identidade. Isto é, têm que reinventar-se. Mas, estão preparados para reinventar-se? Não parece. De maneira que, Menachem Begin , se alguém disse que quer destruir-te, acredite.

Escrevo a favor de Israel, pois, por que não quero ser cúmplice da deliberada, sistemática e perigosa distorção da realidade que pratica o jornalismo europeu, com poucas exceções, tão unido com a causa palestina, que chega inclusive a ter dor de consciência quando se vê obrigado a noticiar algo que não assinale a culpa israeli. Até os mortos israelenses são informados como uma consequência do próprio Israel. Como se Israel, no fundo, os matara. A favor de Israel, pois, por que não aceito que a defesa da causa palestina seja a desculpa para um novo surto anti-semita. Pr que me repugna a cegueira de uma esquerda, minha esquerda, que ainda milita em seus tics mais retrógrados, e que, levada por suas fobias judeofóbicas – nunca reconhecida, e sem dúvida perfeitamente contrastadas – não acerta vislumbrar o enorme perigo da nova cara do totalitarismo: o integrismo islâmico. Foi Glucksmann também quem não faz muito tempo, alertou o mundo árabe neste sentido: “o Islã, ou consegue parar a loucura de suas milícias, seus jovens combatentes de Deus, o haverá iniciado seu próprio fim, uma vez haja caído nas garras do fanatismo, como aconteceu a duas outras ideologias totalitárias do século XX”. E , falando dos assassinatos a civis: “Assim como não podes dormir com quem queiras, tampouco podes matar a quem queiras. A religião e a cultura estão aí para por limite a esse nihilismo homicida, para regulamentar a violência guerreira. Quando tudo é permitido, Deus e a tradição morrem; e se tudo continua sendo permitido, então morre também a ordem secular da cidade” . O ódio se legitima quando tudo se permite. Que se legitime em nome de Deus escandalosamente louco.

Enquanto escrevo estas linhas, me chega a informação de um novo atentado, esta vez na cafeteria Frank Sinatra, repleta de estudantes da Universidade Hebraica de Monte Scopus em Jerusalém. No momento morreram 7 jovens que preparavam seus exames e outros 74 estão feridos de várias gravidades. Os



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

cravos sem cabeça que acompanham as bombas suicidas, para aumentar seu potencial destrutivo, não têm piedade. A notícia chega em forma de titular sangrento, mas, novamente, a gramática está carregada de ideologia: “milicianos palestinos”, “vingança previsível”, “resistentes”. Ao final, resultará que foi Sharon quem matou os jovens universitários. A legitimação do ódio. A favor de Israel, pois, por que, sem deixar de entender a causa palestina, posso e quero entender também a causa israeli. Entender significa aceitar tudo, justificar tudo, assumir as muitas responsabilidades que também tem no conflito? Resulta evidente que não, mas não vou cometer o erro que tantas vezes cometemos os que escrevem em termos de compreensão com respeito a Israel: não vou justificar-me. O grande preâmbulo de desculpas, parabenizações e justificações múltiplas que temos que escrever os que levantamos o dedinho, quase complexados, e dizemos que também assiste a razão a Israel, é um dos processos de demonização da opinião mais evidente e exasperantes dos últimos tempos. Ninguém que escreva a favor das razões palestinas, mesmo que milite em um aberrante maniqueísmo simplista, necessita explicar-se. A razão universal está com ele além da própria razão. Sem dúvida, só o fato de tentar recuperar alguns dos fragmentos desse desejo roto que é a verdade, e recordar que também existem razões, e vítimas, e dor israeli, implica um gesto suspeito por natureza, um gesto que nos convém imediatamente em cúmplices do terror. Quase temos que demonstrar que somos democratas, as vezes diante de democratas de toda a vida que não sentem nenhum pudor em defender atos de terrorismo totalitário. Neste grosseiro contexto de criminalização da opinião que não é visceralmente pró-palestina, se situa o que muitos judeus chamam “a culpa atual da Europa” e que resumiria na frase de um judeu catalão, Ari Elijarrat, que me escrevia em um e-mail: “a posição visceralmente pró-palestina da Europa é um freio para a paz na zona”. Estou segura disso, de maneira que vou verbalizar uma autêntica provocação: o europeu e o palestino se encontram em um lugar comum de poderoso atavismo e simbologia, e por isso estão tão unidos: se encontram no lugar comum da judeofobia. A Europa é responsável direta de alimentá-la em seu interior, de permiti-la no exterior e de que a paz na zona não seja, por hora, nem um horizonte distante. Os palestinos se sentem legitimados em seu ódio por que a Europa os legitima dia a dia. E com isso não excluo que a Europa legitime as razões da causa palestina, atitude esta pertinente e legítima. O que denuncio é que legitima o ódio, coisa bem diferente.

Bonito quadro, o quadro que constituem os fragmentos do quebra-cabeças: a Europa destrói todo um povo; envia os restos do naufrágio para longe de casa, convencida de seu escasso valor – a surpresa da vitória israeli nas guerras nas quais foi abandonado o povo judeu, apesar de ressoarem nos despachos do poder europeu; e depois lhe nega o direito de usar a terra na qual um dia o expulsou, esse troço de deserto que ninguém queria. Assim, o judeu vitorioso passa a ser novamente um personagem incomodo, indigerível e, por cima, notoriamente antipático, como antipática é a visualização permanente da própria culpa. Do judeu vitorioso passamos ao judeu perseguidor, conceito



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

muito mais digerível e por cima entroncado com nosso passado glorioso: ou não é a reedição moderna do judeu mau, usurpador e bicho-papão de nosso pensamento medieval? Que linda maneira de reencontrarmos a nós mesmos, até Isabel a Católica, essa a quem fazem santa, devia de ter razão!

Sou e me sinto de esquerdas, mesmo depois de ler tudo isto, Maruja Torres me terá expulsado do Olimpio, que nas Espanhas a esquerda é arabista ou não é. Mas, questões vaginais a parte, ser de esquerdas é, para mim, algo mais que uma definição ideológica, é uma posição ante a vida, ante a sociedade, ante o pensamento. Sê-lo implica exercitar o sentido dialético, a crítica e a autocrítica e desejar transgredir a realidade para melhorá-la. Nunca entendi por que essa postura vital, que se converte em uma posição ideológica, pode servir como desculpa para canalizar dogmatismos acríticos, maniqueísmos simplistas e até racismos encobertos. Ou diretamente, para verbalizar tolices. O antiamericanismo, por exemplo, tamanho disparate do pensamento único da esquerda que não pensa muito. Ou a judeofobia, nunca reconhecida e sem dúvida sempre presente. Ou o antisionismo, guarda chuva para encobrir com cômoda prestação o anti-semitismo de sempre. Por isso também escrevo a favor de Israel, por que existe e tem que existir uma esquerda que não haja seqüência da propaganda, que abraça causas sem afogar as causas do vizinho, que ama a Palestina por que previamente entende e ama Israel. Uma esquerda, em todo caso, que quando lê sobre os “campos refugiados em Jenin”- refugiados? Em Jenin? - se farta de rir por não faltar-se de chorar, sentida pela traição que a informação sofre nas mãos dos informantes. Uma esquerda que se sente cúmplice da esquerda israeli, e procura e não acaba de encontrar a esquerda palestina. Uma esquerda que pode defender uma causa que nunca aceitará que uma causa pode se permitir tudo, a morte indiscriminada, por exemplo. Uma esquerda, em fim, que se sabe culpada como a europeia, e que não está disposta a voltar a trair sua alma judia. Existe? A reclamo para mim e para muitos, apesar de ser consciente da minoria dentro do magma acriticamente pró-palestino que nos camufla. E o digo se não ficou meridionalmente claro: seu defeito não é sua cumplicidade palestina. Seu defeito é seu acritismo.

Fica pois dito: a favor de Israel, a forma mais inteligente, razoável, prudente e honesta de ir a favor da Palestina.

“Am Israel chai be Israel” (“o povo de Israel vive em Israel”). Era 14 de maio de 1948 e a frase, pronunciada por Ben Gurion, fechava um ciclo de milhares de anos de diáspora, perseguição, morte e resistência. Mas nada impedia que também viesse, em franca vizinhança, o povo palestino. Um povo que chegou em massa aos desertos da Judéia precisamente por que chegaram os judeus. Mais de 50 anos depois, os palestinos ainda não entenderam que Israel tem o direito de existir. E, sem dúvida, por muita camaradagem de salão que recebam de seus aliados europeus, sua única possibilidade de ganhar a razão histórica é entendendo-o.



הסוכנות היהודית לארץ ישראל
Agência Judaica
www.agenciajudaica.com.br

PILAR RAHOLA

Tradução de Nina Rosa Schpun/2003